

QUESTÕES DE GÊNERO E EMPATIA: PESQUISA-INTERVENÇÃO

Graziele Azevedo Abreu; Marília Pereira Dutra; Adriana Sousa Silva; Myria Juscilania
Maraço da Silva; Lilian K. de S. Galvão (orientadora)

Universidade Federal de Campina Grande, graziele.azevedoabreu@gmail.com

Resumo: Diante da necessidade de desconstrução de discursos cristalizados sobre papéis de gênero, é que essa proposta de trabalho foi elaborada. D. Batson (1991) conceitua a empatia como sendo a mobilização para o outro, para o conhecimento novo, uma projeção para fora de si mesmo em direção ao universo. A proposta está no formato de uma pesquisa-intervenção, realizada com 37 crianças, divididas em dois grupos de cerca de 18 estudantes cada, do 3º ano do ensino fundamental I de uma escola pública municipal da cidade de Campina Grande-PB, na faixa de oito a dez anos de idade. Os dados obtidos foram registrados no Diário de Campo e analisados por meio da Análise de Conteúdo de L. Bardin. Para promover a empatia foram utilizadas técnicas que objetivaram a descentração cognitiva, elaboradas com o auxílio de diferentes recursos, tais como: Mural interativo com figuras de menino e menina, episódio “Brinquedo de Menino”, do Desenho animado Diário de Mica, Desenho livre, Teatro dirigido. Nos discursos iniciais, constatou-se o predomínio, tanto entre as meninas, como entre os meninos, de uma visão diferenciada em função do gênero. No mural interativo, as referências dadas à imagem da menina foram: alegre, casinha (figura), cozinha (figura), boneca (figura), doce, frágil, chora muito, veloz, xinga mais, rosa, inteligente, sentimental; enquanto as dadas ao menino foram: ama futebol, bola (figura), tem coragem, pipa (figura), carro (figura), doce, forte, veloz, azul, sensível e boné (figura). Com o desenvolvimento das intervenções, foram observadas mudanças nas percepções e comportamentos em relação aos papéis de gênero, no sentido de diluição da discriminação e do preconceito. Espera-se que este trabalho inspire outros estudos e intervenções no sentido de construir uma sociedade mais empática e igualitária.

Palavras-chave: empatia, gênero, crianças.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, e ainda nos dias atuais, os papéis sociais de gênero guiaram-se pela disposição biológica, ressaltando a dominância prestigiada da classe masculina. De acordo com Moreno (1998), o curso histórico da civilização ocidental estabeleceu, de forma dicotômica, a relação entre homens e mulheres, promovendo uma herança de ideias e de práticas sexistas, que são difundidas em diferentes organismos sociais, como a família, a escola, dentre outras instituições.

As diversas culturas delinearam, no decorrer da história da humanidade, as representações sociais da mulher e do homem na sociedade. Tais representações, de acordo com Moscovici (2003), podem ser estudadas a partir da construção ideológica da realidade, com impacto sobre o comportamento coletivo.

Com efeito, a visão androcêntrica, que se sobressai nas relações de gênero, configura um quadro de desequilíbrio potencial e negação da subjetividade humana. Isto ocorre, dentre outras questões, pelo pré-estabelecimento cultural sobre os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, o qual parece supervalorizar um e subjugar o outro.

Ainda que se tenha vivido, no século XX, transformações e revoluções que denotam significativas mudanças em diversos cenários enrijecidos pelo tradicionalismo e comodismo das relações sociais, não é raro se constatar discursos preconceituosos manifestos em ações machistas, misóginas e hostis. Percebe-se, nesse sentido, certo desequilíbrio nas relações de gênero que ainda apontam a mulher como o “sexo frágil”, cujo comportamento deve ser aprovável e amoldado pelas convenções da sociedade.

Os homens, por sua vez, parecem confortáveis em sua esfera de poder e dominação. Parafraseando Bourdieu (2014), é necessário considerar que somos o presente de um passado histórico, desenhado com contornos da supremacia masculina que se apresenta ainda hoje por meio de um inconsciente androgênico que permanece em cada um de nós, homens e mulheres.

Considerando a compreensão sócio-construtivista defendida por Vygotsky, Luria e Leontiev (1988), entende-se que a interação social, a linguagem e a cultura ajudam a construir a subjetividade infantil. Logo, imagina-se que o conhecimento produzido pelas crianças é reflexo de suas experiências e vivências particulares.

O que se problematiza neste trabalho é a necessidade de se romper com discursos normativos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, sobretudo aqueles perpassados por ações discriminatórias e preconceituosas. Acredita-se que uma forma eficaz de desconstrução desses discursos é a promoção do exercício empático, que pressupõe a descentração cognitiva e afetiva. Hoffman (1989, p. 295, *apud* GALVÃO, 2016) define a empatia como “uma experiência vicária, na qual um sujeito vivencia uma resposta afetiva que é mais adequada a uma outra pessoa do que a ela mesma”. Batson (1991) conceitua a empatia como sendo uma mobilização para o outro, para o conhecimento novo, uma projeção para fora de si mesmo, em direção ao universo. Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é observar como a construção social dos papéis de gênero se manifestam no comportamento e no discurso de crianças, incentivando a desconstrução de discursos e práticas enraizadas no preconceito, por intermédio do exercício empático.

METODOLOGIA

A proposta está no formato de uma pesquisa-intervenção, realizada com 37 crianças, divididas em dois grupos de cerca de 18 estudantes cada, do 3º ano do ensino fundamental I de uma escola pública municipal da cidade de Campina Grande-PB, na faixa de oito a dez anos de idade, sendo 21 meninos e 16 meninas. Foram realizados 12 encontros, dos quais serão relatados apenas os dois que tratam do tema “empatia e questões de gênero” (Quadro 1), tendo em vista o volume de resultados.

1	Tema: Empatia e Questões de gênero Recursos: Mural de papel com figuras de Menino e Menina, Desenho do Diário de Mica Episódio “Brinquedo de Menino”, papel e lápis. Técnicas: Mural do gênero (criação nossa) e Teatro do Oprimido. Objetivo: Promover uma desconstrução/reflexão dos papéis de gênero estabelecidos pela sociedade.
2	Tema: Empatia e Questões de gênero Recurso: Plaquinhas de “sim” e “não”, acessórios personalizados. Técnicas: Teatro Dirigido Objetivo: Criar um espaço para que as crianças possam refletir sobre papéis de gênero.

Quadro 1: Intervenções: tema, recursos e objetivos. Fonte: elaboração própria.

Os dados foram registrados em um Diário de Campo e foram avaliados com base na Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Cada encontro teve duração média de 60 minutos e as intervenções foram mediadas por uma pessoa que contou com o auxílio de outras duas. A coleta de dados seguiu o procedimento ético padrão, sendo aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CAAE: 66072816.2.0000.5182).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiro encontro

De acordo com Moreno (1998), o marco de referência do nosso eu é fortemente influenciado pela imagem que temos de nós mesmos, que são estabelecidas, por sua vez, sob a influência dos modelos que a sociedade oferece. Com base nessa ideia, foi desenvolvida uma proposta de atividade para conhecer as concepções pré-estabelecidas no ideário infantil dos participantes sobre o que eles consideravam ser de meninos e de meninas.

Os participantes foram convidados a sentarem em círculo no chão e a observarem palavras como: ama futebol, tem coragem, doce, forte, veloz, azul, sensível, alegre, frágil, chora muito, veloz, xinga mais, rosa, inteligente, sentimental; e gravuras, como: bola, pipa, casinha, carro, boneca, cozinha e boné. Cada criança deveria pegar dois desses estímulos e colá-los ao lado de duas imagens (uma alusiva a uma menina e outra, a um menino), conforme atribuições que achassem pertencentes a cada gênero. As cores tendenciadas dos cartazes expostos na Figura 1 serviram para reflexões posteriores.

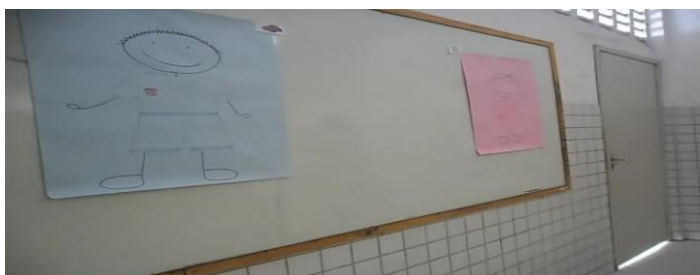


Figura 1: Imagens utilizadas para realizar o levantamento de concepções sobre os gêneros masculino e feminino. **Fonte:** registro fotográfico próprio.

Constatou-se que as referências dadas à imagem da menina foram: alegre, casinha (figura), cozinha (figura), boneca (figura), doce, frágil, chora muito, veloz, xinga mais, rosa, inteligente e sentimental, enquanto as dadas ao menino foram: ama futebol, bola (figura), tem coragem, pipa (figura), carro (figura), doce, forte, veloz, azul, sensível, boné (figura). Chamou a atenção o fato de as palavras “doce” e “veloz” terem sido atribuídas às duas figuras, desconstruindo, em certo sentido, os estereótipos de gênero.

No momento seguinte, foram projetadas, por meio do *Data show*, algumas imagens que mostravam situações que divergiam um pouco de suas concepções sobre meninos e meninas, como: mulher dirigindo caminhão, ônibus, carro de fórmula 1, mulher jogando futebol, homens cozinhando, homens vestidos na cor rosa, e o Neymar (ídolo do futebol) chorando.

Durante a exibição das imagens, foram notórias as falas que defendiam a visão machista, em um esforço simbólico de negar a parte feminina no masculino (BOURDIEU, 2014). Tanto as meninas, quanto os meninos eram categóricos em suas expressões adjetivas, que manifestavam exaltação e aprovação às imagens referentes às mulheres em situações incomuns aos padrões sociais: “essa é minha mãe/ ela é minha namorada”; e, por outro lado, reações negativas, depreciativas e com xingamentos quando apareciam imagens de homens

exercendo papéis socialmente construídos de mulheres: “É um viado/baitola/ mulherzinha”.

Em um terceiro momento, as crianças foram convidadas a assistirem um episódio do canal do *YouTube* “O diário de Mika”, intitulado “Brinquedo de menino”, com duração de 7’ 04”. O episódio apresenta a chateação de Mika por ter sido impedida de brincar de carrinho, por ser uma “brincadeira de menino”. A partir dessa frustração, Mika começa a refletir junto com os seus amigos (brinquedos que ganham vida e personalidade em sua imaginação) sobre as diferenciações que são feitas entre aquilo que é para os meninos e aquilo que é para as meninas. Mika começa a observar ao seu redor que as meninas grandes (mulheres) dirigem carros grandes e que meninos grandes (homens) brincam com bonecas de verdade (filhos). Assim, junto com sua amiga Lilá, Mika conclui que meninos e meninas podem gostar da cor que quiserem e brincar com os brinquedos que quiserem.

Para promover uma vivência empática relacionada ao tema, as crianças foram convidadas a participar de uma das técnicas do “Teatro do Oprimido”, chamada de “teatro imagem”, que tem por finalidade transformar questões, problemas e sentimentos em imagens concretas que devem ser discutidas e refletidas pelo grupo (BOAL, 1975). No desenvolvimento dessa técnica, a mediadora relatava algumas situações que as crianças deveriam dramatizar. Após a dramatização, a mediadora falava “*stop*” e as crianças que estavam dramatizando ficavam como estatuas, expressando a conjuntura da cena. A partir dessa observação, as demais crianças eram levadas pela mediadora a refletir e verbalizar o que aquela cena estaria expressando. Para ilustrar:

Cena 1: Maria está brincando de carrinho no seu quarto. De repente, seu pai abre a porta e a vê brincando de carrinho.

Cena 2: Joãozinho está assistindo televisão e sua irmã o lembra que hoje é o seu dia de lavar a louça do almoço.

Sobre a cena 1, as crianças chegaram ao consenso de que a menina estaria com medo do pai por estar brincando de carrinho e que “brincar de carrinho não era uma brincadeira para meninas”. Na cena 2, houve opiniões divergentes, visto que algumas crianças relataram que seus pais lavavam louça e varriam a casa e outras defenderam a ideia de que “menino não lava louça”.

Para finalizar o primeiro encontro, foi proposto que as crianças expressassem por meio de desenhos o que elas tinham tido vontade de fazer, mas não haviam feito por acharem que eram atividades de meninos/as (Figura 2).

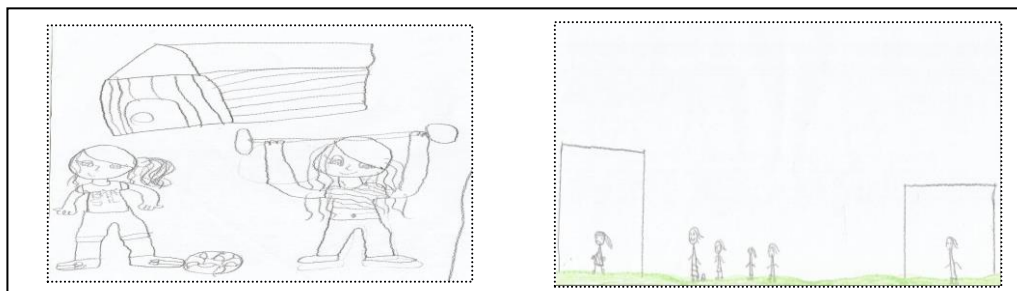


Figura 2: Desenhos produzidos pelas crianças sobre o que elas tinham vontade de fazer, mas não faziam por uma questão de gênero. **Fonte:** Registro fotográfico próprio.

A primeira imagem da Figura 2 expressa o desejo de uma menina de jogar futebol e fazer musculação, impedido por serem “atividades de meninos”. A segunda imagem da Figura 2 retrata a vontade de uma criança do sexo masculino de jogar bola com suas amigas do sexo feminino.

Diante do exposto, em consonância com o que discute Moreno (1998), ressalta-se a importância da escola na promoção da desconstrução de ideias, suscitando novas possibilidades de interpretar e atuar sobre a realidade.

Segundo encontro

No segundo dia, como proposta de aquecimento do tema, foram exibidas algumas imagens de super-heróis (femininos e masculinos). Após a exibição das imagens, realizaram-se as seguintes perguntas: “Se vocês fossem um super-herói, como vocês seriam? Qual “superpoder” teriam?” Então, foram entregues uma folha e foi pedido que as crianças se projetassem como super-heróis, ressaltando seu “superpoder”. Esse exercício baseou-se no modelo teórico de Selman (1988, 1989 *apud* ARAÚJO, 2000), que propõe a adoção de papéis para o desenvolvimento empático. Nesse caso específico, a criança se colocaria na perspectiva do super-herói imaginado.

Após esse momento de aquecimento, foi utilizada a técnica chamada Teatro Dirigido, uma adaptação de uma das técnicas do Teatro do Oprimido, chamada Teatro-Fórum, cuja metodologia consiste na criação de pequenas situações reais, representadas posteriormente para uma plateia que é convidada a participar. No desenvolvimento dessa atividade, foram apresentadas situações que expunham dilemas sobre questões de gênero e que deveriam ser encenadas por alguns/algumas alunos/as, seguindo a orientação/direção da mediadora. Cada cena teve dois finais diferentes, um reforçando a predisposição dicotômica da relação de

gênero, e o outro desconstruindo esses conceitos naturalizados. A plateia, composta pelos participantes, era convidada a julgar qual o melhor final com o uso de plaquinhas numeradas (final 1 ou final 2).

Seguem as cenas com a apresentação das situações e finais para cada uma delas:

CENA 1: HOMEM CHORA?

Mediadora: Lucas é um menino durão. Ele sempre ouviu que homem não deve chorar e que apenas pessoas bobas choram. Certo dia, Lucas tropeçou em uma pedra e machucou o joelho. **Lucas:** AAAAIIIII! **Mediadora:** O machucado doía muito e Lucas sentiu vontade de chorar e chorou. **Lucas:** (choro). **Mediadora:** De repente, aparecem dois meninos que começam a rir de Lucas, chamando-o de bobo. **Meninos:** Que bobo! Parece uma menininha chorona! (risos).

Final 1: Lucas enxuga suas lágrimas e fala: Eu não estava chorando porque homem que é homem não chora.

Final 2: Chega um coleguinha e ouve os insultos dos dois meninos e retruca: Claro que homem pode chorar, nós somos humanos e temos sentimentos também, oras. Bobo é quem não expressa seus sentimentos. Venham e me ajudem a levantar o Lucas.

(Os três meninos, então, ajudam o Lucas a se levantar e saem de cena).

CENA 2: MENINA SABE JOGAR FUTEBOL?

Mediadora: Joana é uma menina super esperta e gosta muito de futebol. No recreio, ela fica sempre olhando os meninos brincarem de futebol na quadra e sente muita vontade de jogar com eles. Certo dia, Joana foi até os meninos e pediu para jogar futebol também. **Joana:** Olá meninos, posso brincar de bola com vocês?

Final 1: Os meninos começam a rir de Joana e falam: Meninas não sabem jogar futebol. Só sabem atrapalhar o jogo! Joana, então, sai muito triste e os meninos continuam o jogo, eufóricos.

Final 2: Os meninos perguntam: Você sabe mesmo jogar? (fazem cara de admiração). **Joana:** Sei sim, eu sempre brinco de futebol com meu pai e meu irmão!

Menino 2: Que legal! Uma menina que sabe jogar futebol!!!! (Joana então começa a jogar com os meninos e faz um golaço pro seu time, que comemora)

CENA 3: ANDRÉ QUER COZINHAR

Mediadora: André é um menino muito prestativo. Ele sempre gosta de ajudar sua mãe e a todos que precisam. Ele adora comer as comidas que sua mãe faz. Certa vez, ele sentiu vontade de aprender a cozinhar também. **André:** Mamãe, posso ajudar a senhora a preparar o almoço hoje?

Final 1: A mãe de André fica super chateada e fala “Onde já se viu, menino, homem na cozinha? Você tem é que estudar, para ganhar bastante dinheiro”. André sai de cena triste, falando: “Eu só estava querendo ajudar a senhora...”

Final 2: A mãe sorri para André e fala: “Olha só, o meu rapaz quer me ajudar a fazer o almoço... Ele ficará mais gostoso ainda com a sua ajuda!” **André:** “Oba, mamãe! Eu sempre quis cozinhar...” (os dois riem e começam a preparar o almoço).

CENA 4: MENINA USA AZUL?

Mediadora: Júlia é uma menina muito alegre. Ela gosta de correr, de pular, de brincar com areia. Ela não para! Um dia sua madrinha foi visita-la e levou um vestido rosa para ela.

Madrinha: Olha só, Julia! Eu trouxe um vestido lindo pra você! Vai ficar parecendo uma princesa com ele! **Mediadora:** Júlia parece não ter ficado muito satisfeita com o vestido e quando sua madrinha foi embora, Julia

foi conversar com sua mãe. **Júlia:** Manhê, olha só o que minha madrinha me deu! Eu não gosto de vestidos e muito menos de rosa. Gosto de usar short e prefiro a cor azul! A gente pode trocar na loja?

Final 1: Mãe: Não vamos trocar nada. Onde já se viu menina gostar de azul? A cor para menina é o rosa mesmo. E todas as meninas usam vestidos. Por que você não gosta? Deixa eu colocá-lo em você... (a mãe veste Joana com o vestido). **Mãe:** Uau, tá parecendo uma princesa! Joana, então, sai cabisbaixa e triste.

Final 2: Mãe: Que legal, filha. Minha cor predileta também é o azul. E eu também não gostava de usar vestidos quando era criança. Atrapalha a gente subir nas árvores, não é? Vamos tentar trocar o vestido por outra roupa que você quiser, da cor que preferir! **Joana:** Iupiii! A senhora é a melhor mãe do mundo.

A preferência das crianças na votação dos finais foi, predominantemente, para o final 2, demonstrando que os participantes, no final das intervenções, começaram a desconstruir a ideia binária de gênero.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento da pesquisa-intervenção aqui apresentada demonstrou a necessidade de trabalhos dessa natureza: intervenções que fujam do doutrinamento e que valorizem o exercício empático de se projetar no lugar do outro, com a finalidade de construir uma geração capaz de pensar e criticar normas pré-estabelecidas. Sobre os resultados encontrados, inicialmente, chamou atenção a quantidade de atitudes machistas, derivadas tanto do público feminino, quanto do masculino. Muitas crianças mostraram resistência em aceitar conceitos ou referências femininas ao sexo masculino. A dinâmica contrária, entretanto, aparentou ser mais tênue, pois facilmente havia identificações do público feminino com características e ações culturalmente estabelecidas ao público masculino. Por outro lado, ao final da segunda intervenção, esse quadro pareceu começar a mudar, quando as crianças demonstraram preferir no Teatro-fórum cenas que representavam uma desconstrução da ideia binária de gênero.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. A. A. Cognição, afetividade e moralidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, pp.137-153, 2000.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1977.

BATSON, C. D. **The altruism question**. Hillsdale, N.J. L. Erlbaum, 1991.

BOAL, A.. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BOURDIEU, P. (1930-2002). **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

GALVÃO, L. K. S. **Educação moral e formação de professores**. In: Formação de professores e identidades docentes em questão: o que nos ensina os 35 anos de pedagogia no alto sertão Paraibano. LOPES, W. de J. F.; SANTIAGO, S. M. de M.(orgs). – Fortaleza: Imprece, 2016.

MORENO, M. **Temas transversais em educação**: bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 1998.

MOSCOVICI, S.. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

VYGOTSKY, L. S., LURIA, A. R. & LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone Edusp, 1988.

Link do recurso utilizado:

YouTube, canal “*O diário de Mika*”, episódio: “*Brinquedo de menino*”
<https://www.youtube.com/watch?v=HtEcZewQ1FM>

Agradecimento

Ao CNPq pelo financiamento do Projeto.